

XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

GT DE RÁDIO – INTERCOM

As transformações técnicas e de conteúdo no radiojornalismo a partir das inovações tecnológicas

FACA DE DOIS GUMES

João Batista de Abreu*

As inovações tecnológicas no sistema capitalista inserem-se na lógica econômica da sobrevivência, numa sociedade cada vez mais competitiva. O domínio da tecnologia e da manipulação dos equipamentos transforma-se em ferramenta de conhecimento técnico (e às vezes ideológico), a partir do qual a empresa se apresenta ao mercado como capacitada a atender as demandas não apenas do cliente, mas do princípio da constante transformação. Mais do que instrumento de uso, a tecnologia de última geração torna-se um capital da empresa, que a habilita perante a concorrência.

Nos meios de comunicação, hoje atravessados pela política de formação de grandes conglomerados econômicos, associados a lazer e transmissão de dados, a situação não é diferente. O processo de substituição de maquinarias tem-se dado de forma tão avassaladora que um profissional de comunicação que acordasse após 10 anos de sono profundo se sentiria um inútil em meio a tantas mudanças na área de produção gráfica, produção de texto, transmissão de dados e veiculação. Aos olhos deste nosso personagem hipotético, o que menos mudou foi o conceito de notícia. Mesmo assim, a inevitável influência da televisão tem feito com que o noticiário receba um tratamento de espetáculo, em detrimento da informação em si. Cada vez mais a forma predomina sobre o conteúdo.

Este embevecimento pela tecnologia está associado ao que o geógrafo Milton Santos, professor emérito da Universidade de São Paulo, chama de “mundo da rapidez e da fluidez”.

“Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas de informação, e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas. A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia

como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando, na verdade, apenas alguns agentes têm a possibilidade de utilizá-la, tornando-se, desse modo, os detentores efetivos da velocidade. O exercício desta é, pois, o resultado das disponibilidades materiais e técnicas existentes e das possibilidades de ação. Assim, o mundo da rapidez e da fluidez somente se entende a partir de um processo conjunto no qual participam de um lado as técnicas atuais e, de outro, a política atual, sendo que esta é empreendida pelas instituições públicas, nacionais, intranacionais e internacionais, como pelas empresas privadas.”¹

O rádio não é exceção. Fax, Internet, *e-mail*, telefone celular, carros de reportagem equipados com unidades de frequência modulada ou VHF (Very High Frequency), cartuchos, *dat* (digital audio tape). Os recursos tecnológicos crescem em proporção geométrica, muito acima do aumento do número de ouvintes. De 1991 a 1999, o número de ouvintes de emissoras AM (ondas médias) na região metropolitana do Rio de Janeiro cresceu de 350 mil para 400 mil e o de emissoras FM (frequência modulada) saltou de 600 mil para 1,3 milhão, segundo pesquisa do IBOPE. Os números oferecem uma panorama evidente da transferência de ouvintes do AM para o FM, justamente onde se concentram as emissoras que menos investem em jornalismo no Rio de Janeiro. São as emissoras de FM que vêem o jornalismo como mero cumprimento da obrigação legal de dedicar 5% da programação ao noticiário.

As alternativas, idealizadas para facilitar a captação e transmissão de informações, podem muitas vezes transformar-se numa faca de dois gumes para os repórteres. Alguns não conseguem distinguir entre a vantagem dos recursos tecnológicos, que encurtam o tempo despendido entre a apuração e a veiculação da notícia, e a função básica do radiojornalismo, que é informar bem e com segurança, independentemente dos recursos tecnológicos disponíveis.

NO TEMPO DAS VÁLVULAS

Historicamente, a aplicação das inovações tecnológicas sempre ganhou impulso nas guerras. Que Marconi nos desculpe, mas com o rádio não foi diferente. Em 1918, o Exército norte-americano monta uma pequena unidade portátil no lombo de um cavalo e passa a fornecer informações mais precisas e rápidas à artilharia. Na Segunda Guerra Mundial, as patrulhas são equipadas com rádios-transmissores também para informar a

¹ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal, Rio de Janeiro, Record, 2ª edição, 2000, pag 83

localização do inimigo. Anos mais tarde, estes aparelhos serviriam de embrião para a rádio-reportagem ao vivo.

Uma das inovações pioneiras no rádio foi a válvula – inventada na década de 10 por Lee De Forest – que permite a modulação de intensidade das ondas sonoras e, assim, viabiliza a transmissão de músicas. Desde o início, jornalismo e rádio andaram de mãos dadas. A KDKA, primeira emissora comercial criada pela Westinghouse a 2 de novembro de 1920, em Pittsburgh, inaugura suas transmissões com a cobertura da apuração das eleições presidenciais nos Estados Unidos. Os pesquisadores destacam ainda o engenheiro Frank Conrad, da KDKA, que ao fazer experiências para melhorar a qualidade do bocal do telefone teria aperfeiçoado o microfone. Mais tarde, o desenvolvimento do alto-falante faz do rádio um meio de comunicação familiar, que ocupa um lugar de destaque na sala de jantar dos anos 40.

O transistor foi desenvolvido em 1948 pelos engenheiros norte-americanos William Shockley, John Bardeen e Walter Brattain, vinculados a Bell Telephone Laboratories, subsidiária da AT&T. O receptor transistorizado, que aparece comercialmente nos anos 50, coincide com a ascensão da TV e viabiliza o aparelho portátil, redirecionando as potencialidades do veículo. Na década de 50, os gravadores de fita magnética dão mobilidade à reportagem, valorizando o testemunho sonoro. O repórter colhe o depoimento da fonte não apenas para repassar a informação em outras palavras, mas para gravar a entrevista e retransmiti-la aos ouvintes.

Nos anos 60, o gravador cassete (de 1/8 de polegada), patenteado pela holandesa, substitui os pesados gravadores de rolo e dá mais agilidade à reportagem. É claro que, do ponto de vista da qualidade sonora, o gravador de rolo continuou a ser muito superior, o que o recomendava para os programas de produção mais apurada, como os documentários, em que o som ambiente é um elemento tão informativo quanto o texto. Mas no dia-a-dia da reportagem de rua, o cassete conquistou espaço rapidamente, entre outras coisas porque eliminava a figura do operador de som no jornalismo de externa. Vale lembrar ainda que o cassete é movido a pilha e o gravador de rolo era abastecido por baterias.

Nos últimos anos, sem dúvida, o telefone celular representa a inovação que agiliza a reportagem radiofônica. Ele dispensa a procura tresloucada por um telefone público – quem já passou por isso sabe exatamente por que o adjetivo “tresloucada” – e garante um contato

mais rápido com a redação. Em pouco mais de cinco anos, o repórter de rádio acostumou-se de tal forma ao celular que já há quem alegue ser impossível fazer reportagem ao vivo sem ele. E quando o celular não existia?

IRMÃOS SIAMESES

Velocidade e credibilidade. Os dois itens continuam presentes no cotidiano do radiojornalismo com ou sem avanços tecnológicos. Qualquer que seja a frequência, a potência do transmissor, o público-alvo, o investimento, estes dois fatores insistem em permanecer vivos, como irmãos siameses que não se desgrudam.

A velocidade está expressa na frase “rádio é horário”, que todo estagiário de jornalismo ouve quando chega à redação. Muito antes do advento da informática, o rádio já trabalhava com jornalismo *online*, sem *dead-lines*, buscando transmitir *flashes* ao longo da programação. Ao contrário do jornalismo impresso – desde que desapareceram as edições extras – e até mesmo da televisão, represada pelas contingências de produção, o rádio pode dar-se ao luxo de transmitir a informação pouco depois do fato ocorrido, devido aos baixos custos de produção e à facilidade operacional do veículo. Os investimentos mais altos são os iniciais, principalmente em se tratando de emissoras de ondas médias, que exigem uma área de 10 mil metros quadrados para instalação do transmissor. Um telefone, de preferência celular para garantir a mobilidade do repórter, uma híbrida para viabilizar a entrada ao vivo, e temos aí o radiojornalismo *online*. Quando o custo das linhas telefônicas baixar (promessa do projeto de privatização) ou quando a Internet intensificar as conexões via cabo, teremos um novo veículo acessível a um segmento maior – embora ainda restrito às camadas médias –, que é o rádio através da Internet. Por enquanto, ouvir rádio pela Internet durante o dia significa um luxo pelo qual poucos brasileiros podem pagar.

Além da velocidade, existe outro ponto fundamental do radiojornalismo: a credibilidade. Não basta informar primeiro. É preciso saber de que se está falando. Nem todos os repórteres, redatores e até mesmo editores estão suficientemente preparados para avaliar, com segurança, até que ponto uma informação merece confiabilidade. Cabe reconhecer que a preocupação em informar na frente dos outros veículos e das emissoras concorrentes gera uma dificuldade à parte, que é o tempo de confirmação do fato. Quem trabalha ou trabalhou em rádio já recebeu telefonemas de ouvintes sobre queixas, denúncias e informações de fatos sucedidos. Mas isso não é o bastante para pôr no ar a informação. É

preciso checar os dados, ligar de novo para a fonte, identificá-la, saber se ela está credenciada a transmitir aquela informação, avaliá-la e medir também o impacto que ela terá no ar.

Num certo dia, em junho de 1991, uma repórter-apuradora da *Rádio Jornal do Brasil* redigiu uma nota sobre uma criança com uniforme de escola pública que foi atropelada na rua Figueira de Melo, em São Cristóvão, na zona norte do Rio. Não havia nenhum detalhe, nome da criança, idade, sequer o nome da escola. Naquele momento, centenas de crianças com uniformes escolares passavam pelas ruas de São Cristóvão. É fácil imaginar o estrago que uma nota destas causaria se fosse ao ar. No ritmo alucinante de uma emissora *all news*, às vezes torna-se mais difícil a um editor parar cinco segundos e decidir não dar uma nota desta natureza do que simplesmente atender ao fluxo do mapa de transmissão – quando este existe – e depois se arrepender pelas conseqüências advindas por uma nota que visava apenas preencher o espaço do material de serviço. Neste caso, certamente, é melhor deixar repetir uma vinheta ou um anúncio da casa. Neste aspecto, o telefone desempenha papel fundamental, porque os ouvintes costumam ser implacáveis com os erros de avaliação e de informação.

Não é preciso ir muito longe. Todo fim de semana a Polícia Rodoviária Federal e os DERs locais divulgam estatísticas sobre acidentes rodoviários, com vítimas. Quase nenhum detalhe, apenas dados numéricos. Nem a série histórica é informada, para se saber se o número de acidentes aumentou ou diminuiu no último mês ou ano. Ou seja, o ouvinte que tiver um parente viajando naquele fim de semana terá um motivo a mais de preocupação. E praticamente nenhuma informação.

BARRIGA VIA SATÉLITE

O caso *João do Pulo* — o recordista mundial de salto triplo João Carlos de Oliveira — é um bom exemplo de açodamento que pode conduzir a uma “barriga”. Em abril de 1999, *João do Pulo*, 45 anos, foi internado em estado grave, com cirrose hepática, no Hospital da Beneficência Portuguesa, em São Paulo. Morreu no dia 31 de maio, porém a morte chegou a ser anunciada uma semana antes pela Rádio Bandeirantes de São Paulo. A CBN preferiu apurar a notícia, mas a TV Globo retransmitiu a “barriga” em edição extra.

Mas o que tem a ver casos de *barriga* jornalística com as inovações tecnológicas? Muito, se pensarmos que a facilidade e a variedade de acesso à informação podem ampliar

a possibilidade de colocar no ar informações inexatas. Não se pode estabelecer aqui um corolário desta observação, o que nos levaria a concluir erradamente que quanto menor o intervalo entre o fato e a veiculação da informação, maior o risco de erro. A questão está em privilegiar a velocidade, viabilizada pela tecnologia, em detrimento da credibilidade. Uma *barriga* é sempre uma *barriga*, mas se transmitida em mídia nacional via satélite atinge conseqüências incontroláveis.

Até mesmo noticiários que entraram para a história pelo rigor da apuração cometeram erros imperdoáveis. O Repórter Esso, nos tempos do rádio, chegou a noticiar a morte de Frank Sinatra numa filmagem em Hollywood. Na verdade, quem tinha morrido era o personagem interpretado pelo *dublê* de ator e cantor.

A velocidade e a credibilidade estão vinculadas ao tratamento que a informação recebe. O professor Milton Santos denuncia o papel despótico exercido por aqueles que controlam a informação, uma ideologia travestida de domínio da técnica.

“Nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim o processo de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle. O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde.”²

Santos observa que, no mundo atual, o discurso antecede quase sempre as ações humanas – a técnica, a produção, o consumo, o poder –, como se preparasse o terreno para a aceitação popular destas ações. “Não é de estranhar, pois, que realidade e ideologia se confundam na apreciação do homem comum, sobretudo porque a ideologia se insere nos objetos e apresenta-se como coisa”.

Portanto, pode-se dizer que, independentemente dos recursos tecnológicos que melhoram a qualidade e agilizam a informação, o radiojornalismo continua a depender dos recursos humanos; do trabalho do repórter, do produtor, redator, editor, locutor e operador, “material” cada vez mais escasso nas emissoras de hoje. De acordo com a ideologia da sociedade industrial, a maioria das inovações tecnológicas acarreta a redução do quadro de

² idem, ibidem, pag 39

profissionais, passando a falsa idéia de que pode substituí-los. O computador amplia a oferta de informações, o telefone ocupa o lugar do repórter. O objetivo é baixar os custos. A qualidade só ganha importância quando há concorrência, o que não é o caso da radiodifusão brasileira, em que o mercado das emissoras que priorizam o jornalismo tende cada vez mais à concentração (espécie de oligopólio das ondas hertzianas).

Hoje, o material informativo de muitas emissoras AM chega, em sua maior parte, pelo telefone, convencional ou celular. Colocam no ar longas entrevistas feitas pelo apresentador (ou âncora, como queiram), desprezando a importância da apuração que só o repórter pode realizar. Tecnicamente, um aspecto negativo é o som excessivamente metálico do telefone, que aumenta o tempo psicológico da entrevista e cansa mais rapidamente o ouvinte. O aspecto positivo é que, nos últimos quatro anos na CBN – a única rede de emissoras *all news* –, baixou de 50% para 10% o número de ligações interrompidas durante as entrevistas por responsabilidade das operadoras. Quando as empresas se conscientizarem de que, numa metrópole como o Rio de Janeiro e com topografia acidentada, a única solução é aumentar o número de torres, este percentual cairá ainda mais.

No plano estritamente jornalístico, as entrevistas por telefone, se por um lado ganham em agilidade, por outro abrem espaço, por comodismo e redução de custos, para a fonte, que acaba dizendo o que quer e como quer. Só depois, através de outra entrevista também por telefone, ouve-se o chamado “outro lado”. Mas aí o ouvinte já mudou de estação.

Bibliografia

CHANTLER, Paul & HARRIS, Sim. *Radiojornalismo*, São Paulo, Summus, 1998

HOWAT, Bruce B. *Great moments in Communication*, Wheaton, Illinois, Communication News, 1973

SAMPAIO, Mário Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil*, Rio de Janeiro, Achiamé, 1984

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*, Rio de Janeiro, Record, 2ª ed. 2000

VAMPRÉ, Otávio Augusto. *Raízes e evolução do rádio no Brasil*, Porto Alegre, Feplam/RBS, 1979

Entrevista com o jornalista e radialista Marco Aurélio Carvalho, apresentador do programa “CBN Total”, transmitido diariamente em rede das 14h às 17h

Entrevista com o engenheiro Djalma Ferreira, consultor da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e ex-diretor técnico do Sistema Globo de Rádio

- Jornalista, professor-adjunto da Universidade Federal Fluminense, mestre em Comunicação e doutorando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro